

RUBEM BRAGA

## POLÍCIA

**C**ONFESSO que não vi com bons olhos a nomeação do coronel Batista Teixeira para a chefia de Polícia; e muita gente não viu. Seu passado de policial não o recomendava muito, ou nada; e se na ocasião não escrevi isso foi porque seu discurso de posse, cheio de bons propósitos, tinha um tom de sinceridade que me impressionou.

Fiz bem em guardar silêncio; o coronel, se não realizou nenhuma obra de vulto no sentido de uma necessária, urgentíssima reforma de nosso aparelhamento policial, pôtu-se com serenidade e critério, e soube cumprir seu dever sem atropelar os direitos do cidadão. Apesar de sua negativa, não é muito de duvidar que isso lhe tenha, afinal, custado o cargo; a turma do «baixa o páu» fez pressão para sua saída. Essa turma queria fazer aquilo que o sr. João Goulart chama delicadamente «cobertura popular» da campanha contra as imunidades parlamentares, isto é, arruaças e provocações de espoletas e pelegos, com as costas quentes do apóio policial.

Esperemos que o general Amaury Kuel tampouco se preste a um tal papel. Ele é um homem inteligente e de bom nome; talvez não haja no Exército pessoa mais habilitada pelos estudos e experiência à dirigir o DFSP, pois é um técnico em «informações sobre o inimigo»; já na FEB era ele quem superintendia os serviços de espionagem e contra-espionagem. Confiemos em que nenhuma injunção política o leve a deslustrar, na rua da Relação, o belo nome que fez em uma longa carreira militar.

Mas o caso é que a nossa polícia tem hábitos que só com muita energia e paciência poderão ser corrigidos. Não estou pensando, neste momento, em violências contra presos e extorsões de contraventores; vocês sabem que apesar daquele grande escândalo da jogatina denunciado pelo «O Globo» nenhum dos policiais apanhados com a bôca na botija foi demitido até agora?

Mas quero falar hoje é de um hábito singular de nossa polícia: dar em fotógrafo da imprensa. Neste particular, aliás, ela é rigorosamente neutra: na hora da pancadaria não distingue a côr política dos jornais: dá, imparcialmente, em todos os fotógrafos. Ainda há pouco, no dia 3, a violência atingiu os repórteres fotográficos do «Diário Carioca», da «Tribuna da Imprensa», dos «Associados» e de «O Dia».

Esses homens sofreram porque estavam cumprindo um dever: fotografando.

Fotógrafo não promove desordem, não faz barulho, não têm opinião: fotografa, isto é, documenta fatos. Impedir que eles trabalhem e credê-los só pode ser coisa de quem deseja ocultar fatos, de quem não quer que o povo saiba, através dos jornais, o que está acontecendo. Nossos policiais têm tanto horror como os criminosos à fotografia; o pior é que, diante da objetiva, o criminoso cobre a própria cara com as mãos, enquanto o policial prefere cobrir a cara do fotógrafo. Não será tempo de acabar com isso?